

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA**

**ALGUMAS IMPLICAÇÕES DO DISCURSO CIENTÍFICO NA CLÍNICA
PSICANALÍTICA CONTEMPORÂNEA**

PEDRO AUGUSTO ARAUJO RIBEIRO

**CAMPINA GRANDE – PB
2017**

PEDRO AUGUSTO ARAUJO RIBEIRO

**ALGUMAS IMPLICAÇÕES DO DISCURSO CIENTÍFICO NA
CLÍNICA PSICANALÍTICA CONTEMPORÂNEA**

**Trabalho apresentado à disciplina de TCC II, em
cumprimento às exigências para obtenção do título
de Bacharel em Psicologia, sob orientação da
Professora Dra. Gabriella Valle Dupim da Silva.**

CAMPINA GRANDE – PB

2017

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial do CCBS - UFCG

F311p

Ribeiro, Pedro Augusto Araújo.

Algumas implicações do discurso científico na clínica psicanalítica contemporânea / Pedro Augusto Araújo Ribeiro. – Campina Grande, PB: O autor, 2017.

22 f. 21 x 27,9 cm.

Orientador: Gabriella Valle Dupim da Silva, Dra.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Campina Grande, 2017.

Inclui bibliografia.

1. Discurso científico. 2. Psicanálise. 3. Discurso capitalista. I. Silva, Gabriella Valle Dupim da (Orientadora). II. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.9 (813.3)

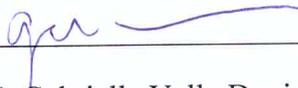
PEDRO AUGUSTO ARAUJO RIBEIRO

**ALGUMAS IMPLICAÇÕES DO DISCURSO CIENTÍFICO NA
CLÍNICA PSICANALÍTICA CONTEMPORÂNEA**

APROVADO EM: 22 / 03 / 2017

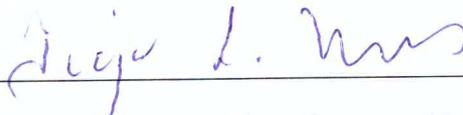
NOTA: 9,5

BANCA EXAMINADORA



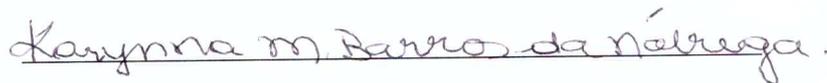
Profª Drª Gabriella Valle Dupim da Silva

Orientadora



Prof.(a) Ms Tiago Iwasawa Neves

Examinador(a)



Prof.(a) Msª Karynna Magalhães Barros da Nóbrega

Examinador(a)

SUMÁRIO

RESUMO	5
ABSTRACT	6
INTRODUÇÃO.....	8
1.0 – DO QUE SE TRATA O DISCURSO CIENTÍFICO?	9
2.0 – INTERFACE ENTRE CIÊNCIA E PSICANÁLISE	12
2.1 – A VERDADE CIENTÍFICA E O SABER INCONSCIENTE.....	15
3.0 – O SINTOMA NA CONTEMPORANEIDADE: OS EFEITOS DE VERDADE E O RECHAÇO AO SABER	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	24

ALGUMAS IMPLICAÇÕES DO DISCURSO CIENTÍFICO NA CLÍNICA PSICANALÍTICA CONTEMPORÂNEA

RESUMO

O presente artigo tem como horizonte problematizar e discutir as consequências que o atual uso do discurso científico produz no saber-fazer da clínica psicanalítica contemporânea. Para iniciarmos a discussão tomamos como mote a constituição da ciência e seus propósitos, fazendo um recorte da obra de importantes epistemólogos como Bachelard, Koyré e Chatelêt. Em seguida realizamos um contraponto entre ciência e psicanálise localizando a posição do sujeito, como é definido na psicanálise, e quais as consequências que o discurso científico tem na subjetividade, para tanto utilizamos a literatura psicanalítica lacaniana que contempla as questões científicas aplicadas ao sofrimento psíquico com autores como Miller, Lacan, Laurent e Dafunchio. Ao falarmos do discurso científico e seus usos, atrelando à teoria psicanalítica lacaniana, não deixamos de tocar na questão na qual se insere também o discurso capitalista. Por fim, atrelamos algumas questões clínicas que se evidenciam no contemporâneo e como a psicanálise tem tentado tratar de tais questões.

Palavras-chave: Discurso científico; Psicanálise; Discurso capitalista

SOME IMPLICATIONS OF THE SCIENTIFIC SPEECH IN THE CONTEMPORARY PSYCHOANALYTIC CLINIC

ABSTRACT

The present article aims to problematize and discuss the consequences that the current use of scientific speech has on the *savoir-faire* of the contemporary psychoanalytic clinic. In order to begin the discussion we take as a motto the constitution of science and its purposes, going through sections of the work of important epistemologists like Bachelard, Koyré and Chatelêt. Then we perform a counterpoint between science and psychoanalysis, locating the subject's position, how it is encompassed in psychoanalysis, and what consequences scientific discourse has in subjectivity, for that we use Lacanian psychoanalytic literature that contemplates the scientific questions applied to psychic suffering with authors such as Miller, Lacan, Laurent and Dafuncho. When we speak of scientific discourse and its uses, linking them to Lacanian psychoanalytic theory, we do not fail to touch on the question in which capitalist discourse inserts itself. Finally, we relate some clinical issues that are evident in contemporary times and how psychoanalysis has tried to address such issues.

Keywords: Scientific discourse; Psychoanalysis; Capitalist speech

Não esperem do meu discurso nada de mais subversivo do que não pretender a solução.

Jacques Lacan

INTRODUÇÃO

Ao enunciar o Projeto para uma psicologia científica, datado de 1895, do criador da psicanálise, Sigmund Freud, enuncia-se também a tentativa de circunscrever esta construção em curso com pretensões de qualificá-la enquanto ciência. Para elevar sua construção de saber ao status de científico o inventor da psicanálise se utilizou de conceitos já conhecidos da ciência médica para montar seus esquemas para o aparelho psíquico.

Durante sua obra o próprio Freud vai abandonando os conceitos pré-concebidos que utilizou para tentar organizar sua teoria e começa a criar os conceitos e mecanismos que marcariam o próprio inconsciente, não sem observar o que acontecera no meio científico e sempre buscando apresentar e legitimar sua produção em meio aos seus pares.

Lacan (1998), em “A ciência e a verdade”, defende que a existência da psicanálise só é possível em um mundo com ciência, e ciência nos parâmetros modernos. Todavia, a forma como a sociedade começou a fazer uso da ciência é intimamente ligado à força do capital e isso implicou em diversas modificações nas relações dos sujeitos com sua produção de saber e na forma como consomem produtos e produções.

Para relacionarmos a forma que o uso da ciência atrelada ao capital modificou a relação do sujeito com seu próprio sofrimento e as mudanças na produção dos sintomas contemporâneos, passaremos pela discussão de epistemólogos como Bachelard, Koyré e Chatêlet, na tentativa de explicar o desenvolvimento do discurso científico. Em seguida propomos uma discussão que relacione a psicanálise e a ciência. Por fim, trataremos dos sintomas modernos e suas relações com o uso da ciência na contemporaneidade e vislumbrar saídas possíveis para o tratamento analítico dos novos sintomas.

1.0 – DO QUE SE TRATA O DISCURSO CIENTÍFICO?

Para entendermos do que se trata o discurso científico, percorremos os caminhos que o tornaram o que ele é atualmente, nos utilizando do resgate histórico sobre a ciência realizado por importantes epistemólogos como Bachelard e Koyré.

Bachelard (2006) evoca a importante transição ocorrida com a matematização da física. Antes o cientista, relata o epistemólogo, era uma pessoa comum manuseando objetos comuns, utilizava-se, então, da verdade factual, a verdade mostrada através de um fato, como o fato de que uma árvore existe e é matéria da madeira. Havia uma concretude que permeava os pensamentos. A grande viragem no pensamento acontece a partir do momento em que os objetos perdem seu caráter material e passam a ser representados através de abstrações. Neste momento são os objetos da realidade que carecem de intervenções para que se tornem objetos científicos, há uma mudança que vai de qualitativa para quantitativa desses objetos e agora a matéria científica de base fenomenológica necessita de “inventário e classificação” (BACHELARD, 2006, p. 15).

Koyré (1991), por sua vez, marca que no século XVI houve a completa destruição do pensamento científico organizado na qualidade de cosmo. Existe uma transição na maneira de pensar, um corte epistemológico, onde o pensamento sai do modelo de um círculo, logicamente fechado, para um pensamento que tem tendências à infinitude, posto que as questões do universo começam a figurar e que as leis físicas que regem o céu acabam por também reger a Terra. Está época é demarcada pela grande aceitabilidade do discurso moral religioso, uma vez que a Igreja despontava como detentora da maioria dos poderes, confundindo-se com os poderes políticos da época. A descoberta de Copérnico em sua teoria do heliocentrismo faz com que haja uma grande quebra do saber moralizante da Igreja, os sujeitos tomam-se com a querela do que é verdadeiro, do que poderia situar o sujeito e guiá-lo, como faz uma bússola.

Em um paralelo entre a arte e a ciência, François Jacob (1981) afirma que:

Entre uma Madona de Cimabue, fixada nos seus véus no fundo dum espaço simbólico e uma cortesã de Ticiano deitada nua na sua cama, encontramos a mesma ruptura que entre o mundo fechado da Idade Média e o universo infinito que aparece depois de Giordano Bruno (p. 24).

É neste mesmo paralelo que o autor, na mesma obra, encontra um caminho que é singular entre mitologia e ciência, ambos tentam abarcar as questões do mundo, sendo a

mitologia através de uma explicação põe um limite nas interpretações, e a ciência, de um lado avesso, sem o compromisso com a verdade, orientação, moral e, sobretudo, ética. Postula, ainda, que os mitos têm sua utilidade e constituição na tentativa de fazer com que os sujeitos possam apaziguar a angústia, bem como a ciência por se autolegitimar e assim produzir uma verdade.

É no limiar da lei que Jabob (1981) localiza o mito, sendo ele o organizador dos sujeitos, dotado de um conteúdo moral que faz com que os sujeitos tenham uma orientação, como por exemplo do que fazer e do que não fazer, como agir, como viver suas vidas pessoais

Faz-se necessário retornar mais uma vez a Bachelard (2007) para compreendermos que na forma como é concebida a ciência acaba por não ter nenhum compromisso com a criação da verdade, a esperança da ciência reside no possível fracasso de sua produção, sendo um estudo falseado por outro, criando uma nova verdade. A produção científica é baseada na possibilidade e na esperança de uma falseabilidade do que está sendo produzido, algo descoberto hoje pode ser falseado amanhã, isso porque como defende Bachelard de forma quase poética, na ciência “Não existe verdade primeira. Só existem erros primeiros.” (2007, p. 79).

Chatelêt (1972) debruça-se sobre a questão da verdade e de sua concepção. Para ele a constituição do problema da verdade nasce quando *doxoi* diferentes se encontram. Uma *doxa* seria uma sociedade com um sistema de crença muito bem firmado constituído enquanto um mito, em formato de um cosmo, onde todo o exposto coloca-se diante da impossibilidade de dúvida; quando há o encontro de uma sociedade com diferentes sistemas de crenças, surge a violência pois cada um passa a defender aquilo que os sustenta. É quando inicia-se a problemática da verdade, quando sistemas de crenças diferentes encontram-se e percebem a diferença que há entre seus parâmetros balizadores para viver e, a grosso modo, surge a dúvida de qual seria a verdadeira.

Em uma leitura que muito se aproxima da propositura de Chatelet (1972), quando analisa o advento da problemática da verdade, Lacan (1992 [1969-1970]) defende que há uma diferenciação entre uma sociedade mítica e uma sociedade regida pelo discurso do mestre, tal diferença encontra-se na utilização da linguagem matemática, uma vez que os signos matemáticos representam a eles mesmos, não dando margem para que seja regido pelo discurso mítico.

É através da problemática da verdade que podemos trazer a questão dos usos que são dados à ciência hoje. Habermas (1983) retoma a construção de Marcuse sobre o conceito de racionalidade e recorda que é um modo de controle social com fins de manter o sistema capitalista vigente. Afirma que a quebra da crença cosmológica é uma consequência possível da racionalização, uma vez que em seu projeto está a utilização da ciência e da técnica como artifícios de controle. Uma forma de fazer com que isso aconteça é através da utilização do saber científico enquanto uma verdade. Jacob (1981) concebe o mito e a ciência como produções possíveis para que o sujeito se localize no mundo, cada sociedade à sua forma.

Bachelard (1996) defende, em sua obra “A formação do espírito científico”, a impossibilidade de um compromisso da ciência com a verdade quando reforça que a qualidade do conhecimento científico é poder ser deformado a qualquer momento por uma nova pesquisa – por uma nova indagação – e coloca que “um obstáculo epistemológico se incrusta no conhecimento não questionado” (p. 19). A verdade não pode ser questionada, serve justamente para tapar o buraco da falta e para amenizar as angústias que aparecem cotidianamente. O saber científico não tem nenhum compromisso com esta verdade, como já foi dito, mas os usos que se faz do que se produz, é usado como verdade.

Jacob (1981) e Fenati (2004) atentam para uma importante cisão ocorrida com o nascimento da ciência moderna. As narrativas míticas e cosmológicas acabam por conceber um estatuto ético às relações e vidas humanas, uma vez que concernem à determinados limites, como já foi exposto. O controle da natureza, supostamente advindo do conhecimento científico, dá ares de infinitude ao conhecimento e sua aplicabilidade, criando uma dinâmica diferente nas relações humanas. Não há limites para o saber e o saber se constrói, então, a qualquer custo. Há, então, a disjunção entre os campos da ética com a ciência. Neves (2009) aponta que com o fim da narrativa cosmológica como organizador do mundo ocidental, sendo substituída pela narrativa da ciência moderna, o homem perde seu referencial, perde seu norte no mundo, pois já não tem um lugar reservado e para o funcionamento no mundo.

Em uma construção genealógica do termo ética, Badiou (1995), reconhece na etimologia da palavra em grego remete-se a uma forma de viver bem, coordenando a existência com a prática do bem. Para Kant (*apud* Badiou, 1995) teríamos uma ética voltada à moralidade ou ao cumprimento de um código moral. Com Hegel (*apud* Badiou, 1995) o que estaria em jogo seria uma disjunção entre ética e moralidade, sendo o primeiro deles relacionado ao âmbito da “ação imediata” (p. 16). A ética, na contemporaneidade, consiste no

cumprimento de um código moral, exigindo seu respeito e reitera da seguinte forma: “legislação consensual referente aos homens em geral, suas necessidades, sua vida e sua morte. Ou ainda: delimitação evidente e universal do que é mal, do que não se coaduna com essência humana” (BADIOU, 1995, p. 21). Colocando, mais tarde, que é essa colocação da ética que faz com que haja maior tendência ao niilismo na sociedade contemporânea, pois são correntes de pensamento que creem no mal e que a ética seria o controle desse mal.

Se por um lado Ciência e Ética tornaram-se campos de saber disjuntos a partir do caráter ilimitado que a tendência do saber científico adquiriu com seus postulados em níveis de abstração e a ética sendo exatamente o que impõe um limite, elas tornam-se mais próximas a partir das aproximações de tais campos com o que as faz subsistir, o modo de produção que os sustente: o capitalismo. Segundo Habermas (1983), na medida em que o homem da ciência conquistou o controle pela natureza, conseguiu também controlar o homem uma vez que o uso das descobertas científicas traz benefícios. Pelo lado da ética temos uma das mais importantes e fortes proposições de Badiou (1995): “toda vontade coletiva de Bem faz o Mal” (p. 28). É com esse viés de pensamento sobre a ética que Badiou (1995) reforça, “Não há ética em geral. Não há – eventualmente – senão ética de processos pelos quais se tratam os possíveis de uma situação” (1995, p. 30).

Da forma como se imprime as relações entre verdade, ciência e ética percebemos que não há uma junção entre os campos do saber e o campo da verdade.

2.0 – INTERFACE ENTRE CIÊNCIA E PSICANÁLISE

Por muito tempo Freud, como elucidada Neves (2009), tentou tornar científica a matéria psicanalítica, inclusive fazendo uso de esquemas típicos da Neurologia para que tivesse um respaldo científico naquilo que construía e assim tivesse aceitação da comunidade médica da época, a quem anunciava suas descobertas. A descoberta do inconsciente, a partir da dificuldade de objetificação do que foi chamado o objeto da psicanálise na época, acabou distanciando a ideia de que a matéria pudesse ser enquadrada enquanto científica, mas acabou por eternizar a busca pela cientificidade presente em sua obra e uma certa compatibilidade entre as duas matérias pela forma como sua obra foi constituída, ou seja, pautada no erro, distanciando-se de intuições, embora que tenha partido delas e trabalhando com o *a posteriori*

através da observação das experiências clínicas. Todavia, há algo que segue ao contrário da direção científica. Na psicanálise se lida com o que a ciência rechaça, a saber, o saber inconsciente (FREUD, 1996; MILNER, 1996; NEVES, 2009).

Lacan, em 1966, em seu texto “A ciência e a verdade” postula que a ciência faz com que emergja um novo ator na história do conhecimento, é com a ciência moderna que o sujeito se funda. É aí também que encontra o mote para que se justifique a presença da psicanálise em um mundo com ciência, embora se refinem os objetos de pesquisa e debruçamento do campo científico há algo que escapa, há algo que não consegue ser capturado pelo saber que a ciência produz, posto que ocupa-se de objetos e de objetificar. É dessa forma que os lapsos que fazem emergir o sujeito do inconsciente, defendido pela psicanálise, não conseguem ser apreendidos (LACAN, 1998).

Conforme Jacob (1981) o cientista foraclui-se do processo de produção científica, o que lhe tem de subjetivo lhe é auto-expurgado na tentativa de observar o mundo de forma objetiva. Este seria o sujeito da ciência ao qual Lacan (1998), se refere em “A ciência e a verdade”, todavia há questões que restam e que o tratamento científico não consegue dar conta.

No Seminário 17, Lacan (1992 [1969-1970]) defende que não há verdade, existem, tão somente, meias verdades, as verdades são não-todas. O que existiria, então, seriam os chamados efeitos de verdade, algo que acaba por não deixar espaço para indagações, são interpretações que são dadas por completo. O efeito de verdade evoca, então, um tamponamento da angústia e certo rechaço do saber inconsciente, uma vez que se coloca enquanto resposta e isto tem efeito de interpretação fazendo com que as indagações se fechem. Observamos isso quando a ciência acaba ocupando o lugar do Outro e o sujeito se serve das respostas de pesquisas e estudos para justificar o que sente, o que passa em seu corpo, desresponsabilizando-se e despolitizando-se de sua própria causa. Adentra-se, então, em uma lógica de equivalência entre o problema e solução, onde avalia-se e identifica-se um problema e depois propõe-se uma solução da qual o sujeito não participa de sua construção, como se a angústia ou sofrimento não fossem seus (MILLER; MILNER, 2006).

Os resultados da ciência são obtidos a partir da aplicação de um método qualquer, que não é proposto *a priori*, mas no decorrer da pesquisa, sobre um determinado objeto gerando uma experiência, que caso seja repetida diversas vezes, com a utilização do mesmo método, tem-se a legitimação de um saber científico, mesmo que depois possa ser substituído por um

outro saber (BACHELARD, 1996; NEVES, 2009). Na psicanálise, temos que os métodos utilizados se reduzem a uma técnica; associação-livre de ideias, o que põe a psicanálise e ciência um pouco distanciada.

A distância entre ciência e psicanálise não vem por acaso, como já foi dito o que lida a psicanálise é justamente o que é resto do produto científico. Para além desta diferença podemos atrelar a questão da produção científica estando a serviço do modo de produção capitalista, pois são os detentores do capital que sustentam as pesquisas, sendo usada com fins de adequação da sociedade com vistas a aumento da produtividade e lucro, como aponta Neves (2009):

De fato, a questão que mais nos provoca é a crítica segundo a qual o tratamento clínico psicanalítico não atende as exigências do modelo científico. Mas, a nosso ver, esta exigência de adequação a uma suposta ciência, que estaria preocupada com determinados valores sociais e morais, não surge do discurso psicanalítico (p. 17).

É pela idiosincrasia que a clínica psicanalítica sustenta, sendo uma para cada sujeito que nela emerge, que se dá a completa diferença para as psicoterapias que trabalham em um viés cientificista. As avaliações psicológicas e os métodos de intervenção pré-programados utilizados em determinadas abordagens ditas científicas, fazem com que haja a solução para cada problema apresentado, tudo em uma instância apriorística. O que está em jogo neste tipo de intervenção psicológica é a crença em uma normalidade e a tentativa de homogeneização dos sujeitos. O que desponta, então, no fazer clínico psicanalítico e nas clínicas psicológicas ditas científicas é a posição ética que cada uma delas aponta.

Badiou (1995) aponta o crescimento de uma visão ética em que se coloca no horizonte um certo respeito às diferenças, quando na verdade obscurece uma discussão que ele traz como um desejo de diluir esta diferença para que o Outro se torne um igual da maneira mais prática possível. É o que Miller e Milner (2006) discutem na lógica da avaliação, pois após passar por um processo de avaliação existe um problema a ser resolvido, há o esquema de equivalência que fará existir uma solução, basta se submeter à avaliação para ser um igual, esta diferença própria da alteridade é suprimida. Do lado da psicanálise temos uma ética que é a do sujeito, ou seja, a construção é a dele, espera-se ele advir para saber do que se trata e o saber não está do lado do analista, mas do lado do próprio sujeito, a ética é própria da construção em análise, não existindo um caminho certo a percorrer, mas um caminho a construir.

2.1 – A VERDADE CIENTÍFICA E O SABER INCONSCIENTE

A questão da verdade aparece, dentre as obras aqui analisadas, a partir de um viés bastante particular quando falamos da construção do conhecimento científico e o que acaba sendo cunhado enquanto o saber utilizado como uma verdade que é oriunda do sujeito da ciência, separado daquilo que produz.

Lacan (1998) ao tratar da enunciação da verdade aponta para sua impossibilidade na aparição enquanto metalinguagem, pois não seria possível transpor para o nível da fala a verdade, posto que a verdade é a própria aparição do sujeito em seu discurso quando considerado que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. O conhecimento científico, por sua vez, auto-legitima-se e é esta propriedade que faz com que o produto de seus esforços sejam comparados a uma verdade, todavia, não se aplica um compromisso ético a este produto final, ou seja, os conhecimentos científicos por si só não tem nenhum compromisso com a orientação dos sujeitos, mas seus usos, a forma como se utilizam as descobertas acabam por ter um efeito de verdade e como consequência a esperança de uma orientação (JACOB, 1981; NEVES, 2009). Lacan (1998) toma como exemplo a perpetuação da ciência dita psicológica a partir do grau utilitário que oferece à sociedade capitalista, traz da seguinte forma em seu discurso: “a psicologia que descobriu meios de se perpetuar nos préstimos que oferece à tecnocracia” (p. 873).

Ao tratar da ética e da verdade, Badiou (1995) encara a ética atual como uma negação completa às alteridades, e sem alteridades construir-se-á, então, mais do Mesmo¹, a ética estaria no campo de uma verdade universal e a verdade se constitui desta forma, com seu caráter universalizante, tal como a organização do mundo de maneira cosmológica, tal como se propunha antes do nascimento da ciência moderna. Em contraponto à ideia de uma ética que mais se pareça com um código moral, Badiou (1995) resgata em Lacan a compreensão de que só é possível haver uma ética que compreenda determinada situação, que “não há ética em geral” (p. 30), só há uma “ética-de” (p. 42), e completa em disparada contra o que desponta como uma homogeneização para que haja o apagamento do diferente: “Não há efetivamente um único sujeito, mas tantos sujeitos quantas verdades haja, e tantos tipos subjetivos quantos procedimentos de verdade” (p. 42).

¹ O autor utiliza a grafia de Mesmo e Outro ambos com as iniciais maiúsculas para tratar que esta alteridade é de uma construção social que opera em nível simbólico, resgatando a grafia de Lacan em sua obra (BADIOU, 1995).

A única forma que a verdade poderia ser apreendida no discurso é a partir da narrativa mítica, Lacan defende “a verdade só se sustenta em um semi-dizer” (1992, p. 116) e mais adiante diz “o semi-dizer é a lei interna de toda espécie de enunciação da verdade, e o que melhor a encarna é o mito” (1992, p. 116). Este mito que pode ser produzido e que é citado por Lacan (2008) é baseado na construção do Complexo de Édipo, mostrando quão essencial para organização do sujeito a função paterna e a inscrição do Nome-do-Pai e aponta o declínio à época da conferência, no ano de 1954, o título dado à fala transcrita é “O mito individual do neurótico ou poesia e verdade na neurose”. À época, Lacan (2008) defende que o funcionamento do sujeito é estruturado como um mito, a vivência dele segue as regras dos mitemas. Um mitema seria uma unidade mínima do mito, o qual não tem nenhuma significação se sozinho, segue a lógica do fonema, unidade mínima da língua que remete a um som que sozinho não forma uma palavra ou um signo linguístico com sentido. Um mito seria formado, então, pelos mitemas, a partir da dialética composta por correlação e oposição (IANNINI, 2011). As funções materna e paterna com a criança seriam responsáveis pela construção do mito, ou seja, baliza-se a construção do mito a partir da constelação familiar, todavia os elementos organizadores, a saber, o significante Nome-do-Pai não precisa ser necessariamente o pai. Para Lacan (2008, 1998), existe ainda um quarto elemento que figura como de fundamental importância para que o mito tenha certa consistência é a dialética com a morte.

3.0 – O SINTOMA NA CONTEMPORANEIDADE: OS EFEITOS DE VERDADE E O RECHAÇO AO SABER

Abre-se uma importante questão em torno da relação da utilização dos conhecimentos oriundos da ciência na era contemporânea e a formação de novas manifestações de traços clínicos nos sujeitos que procuram atendimento. As formas de sofrimento contemporânea aparecem rechaçando a utilização da palavra, rechaçam a falta, ou, como sugere Lacan (1972), há a forclusão da castração. Segundo Dafunchio (2009), autora que defende a tese da forclusão da castração, o discurso capitalista fomenta o tamponamento da falta através do acesso fácil ao objeto causa de desejo, objeto esse criado e endereçado ao sujeito. O sujeito passa a ter acesso imediato ao objeto causa de desejo.

É tomando como base o viés da forclusão da castração, trazido por Lacan no ano de 1972, que Dafunchio (2011) traz alguns dos efeitos clínicos, sendo o principal deles o sujeito

localizado no vazio dando lugar às ditas patologias modernas e com efeitos de identificação massiva. São as psicopatologias contemporâneas, catalogadas e sistematizadas a partir de manuais de psicodiagnóstico, como o DSM-V, que com todo o seu aparato científico deixa de fora o saber que o sujeito pode construir em torno das questões que podem ser a etiologia (LAURENT, 2007; BENETI, 2011). Figuram, entre os ditos sintomas contemporâneos, segundo Dafuchio (2011), a toxicomania, a depressão, o transtorno do pânico, o transtorno de ansiedade, a depressão (que parece acometer a população de forma generalizada).

Uma das causas postuladas por Dafuchio (2011) é a forma como se organiza o discurso capitalista. Lacan (1992) estrutura o discurso capitalista no momento em que marca a mutação no discurso do mestre, seria, então, o discurso do mestre na sua forma capitalista. O discurso do mestre estrutura-se enquanto matema a partir do significante mestre (S_1), seria o significante que possibilita uma associação da cadeia significante, sendo o que representa a relação e inserção do sujeito na linguagem, o significante que atravessa o sujeito e que aponta para uma construção de saber (S_2), sobre o S_1 está o sujeito barrado ($\$$) e o S_2 está sobre o objeto pequeno a (a), entre o $\$$ e o a existe uma dupla barra. Ou seja, o discurso capitalista subverte a construção fantasmática ($\$ \diamond a$), teia discursiva que faz com que o sujeito possa estruturar sua busca pelo objeto *agalmático*² que só pode existir através do impacto do sujeito com a linguagem. O discurso capitalista dá acesso a um *gadget* que substitui o objeto a .

O discurso do mestre nasce da dialética Hegeliano do senhor e do escravo, onde o senhor vende a ideia de uma igualdade e o escravo vê a castração do senhor, desbancando da construção da alteridade a promessa da igualdade e denuncia que cada falta de cada sujeito é única. O discurso universitário é movido pela vontade de saber, o mestre é aquele que incita o estudante a saber sempre mais, mas não a produzir algo, demandando uma certa identificação ao que é produzido, o objeto *agalmático* seria, então, o saber mais posto que sempre se vê faltante, sujeito dividido. O discurso da histórica é estruturado de forma que o sintoma aparece primero e incita a interpretação a um mestre, a verdade, objeto a aparece como recalcado e denuncia a impossibilidade de acesso à verdade e mostra a posição da histeria em que o sujeito histórico faz-se de objeto causa de desejo para o outro. Por fim, o discurso do analista figura como aquele que se põe na posição de causa de desejo, interrogando o significante mestre visando a queda da alienação com o discurso do mestre, ocasionando a

² *Agálma*, segundo Lacan (2005) é: “esse objeto que o sujeito acredita que seu desejo visa, e com o qual leva a seu extremo o desconhecimento do objeto como causa do desejo (LACAN, 2005, p. 70).”

divisão subjetiva visando a produção de um saber, saber inconsciente (LACAN, 1992; COELHO, 2006).

Quanto aos significantes dos quatro discursos temos que: o S_1 é o organizador simbólico que possibilita a construção de um saber, está, no discurso do mestre, na posição de um agente que proporciona a possibilidade de um trabalho, o S_1 por si só não tem nenhum significado, ele só alcança alguma significação quando encadeia-se com um outro significante; o objeto pequeno a está na posição de uma produção e é o resto da articulação do sujeito com a linguagem, que institui a falta; o sujeito no lugar da verdade, posto que esse sujeito é atravessado pelo significante, o sujeito do inconsciente. É justamente na produção de saber inconsciente, a partir da articulação significante em cadeia $S_1 - S_2$, que se localiza o sintoma analítico (BENETI, 2011).

No discurso capitalista não há um quarto de giro no discurso do mestre, como o que gera o discurso universitário, o discurso da histórica ou do analista, há uma mutação, uma inversão do lugar do sujeito para o lugar do significante mestre e vice-versa, essa mutação é responsável pelo acesso ao produto, que continua sendo o objeto a , neste caso com uma flecha que vai em direção ao sujeito, sendo assim o sujeito tem acesso ao produto que antes lhe era encoberto pelo véu colocado na fórmula fantasmática. Isto não significa que não há fórmula do fantasma no sujeito balizado pelo discurso do capital, mas o objeto que lhe é ofertado como produto, o objeto a , promessa de fim do mal-estar, fim da falta, o resultado é um consumo desenfreado e o tamponamento desta falta, distanciando o sujeito da castração e, assim, da possibilidade de surgir um sujeito desejante (DAFUNCHIO, 2011; LACAN, 1992, 2005).

A prática clínica tem demonstrado que, na atualidade, há uma grande dificuldade do sujeito em elaborar um discurso sobre si. O sujeito comparece às sessões porque está em sofrimento, mas não consegue elaborar as causas, acaba procurando ajuda dentro da lógica de consumo. A partir de uma lógica avaliativa, querem saber o que tem e o que fazem para se curarem da enfermidade que os acomete, o paradigma problema-solução trazido por Miller e Milner (2006) se ratifica, mas não sem ratificar também os efeitos do discurso capitalista atrelado à utilização do saber científico.

Lacan (1972) em seu seminário não publicado intitulado “O saber do psicanalista” discursa sobre a forclusão da castração e sobre suas consequências

O que distingue o discurso capitalista é a *Verwerfung*, a rejeição; a rejeição fora de todos os campos do simbólico com aquele que eu já disse que tem como consequência a rejeição de que? Da castração. Toda ordem, todo discurso aparentado ao capitalismo deixa de lado o que chamaremos, simplesmente, as coisas do amor, meus bons amigos. Vocês veem isso, não é pouca coisa (LACAN, 1972, p. 49).

Percebe-se a dificuldade na relação com o campo simbólico, com a castração e com o desejo, dificuldades amplamente discutidas na clínica contemporânea, uma vez que o sujeito não lida com seu desejo e tem dificuldade de articular sua própria história para que possa construir um sintoma analítico.

A relação do sujeito com o objeto sendo o capitalismo o discurso do mestre, alerta Lacan (1992), é uma consequência da extração da mais-valia, buscando seu significado a partir da teoria marxista, onde a mais-valia é uma força de trabalho jamais recuperada depois da produção, esta energia gasta e nunca mais repostada, este objeto que é perdido e nunca mais encontrado, vê na própria produção substrato para ser tamponado, há na produção uma esperança de encontrá-lo, é assim que o consumo desmedido surge. Laurent (2007) faz a relação desta mais-valia com o efeito que é produzido no encontro traumático com a linguagem que gera um resto, o objeto *a*, é o “efeito de linguagem” que gera a angústia, e o efeito da extração da mais-valia, convertida em falta-a-gozar, faz com que o consumo tenda ao infinito.

Segundo Dias (2009), a toxicomania é um fenômeno contemporâneo expressivo, o toxicômano figura como o consumidor ideal. A autora afirma que na toxicomania não temos a formação de um sintoma nos parâmetros analíticos, acontece o mesmo com o transtorno do pânico, os automutiladores e muitas outras patologias que aparecem também não constituem um sintoma analítico, isto porque prescindem da relação com as palavras, não há uma organização simbólica que dê margem à construção de um sintoma, aí coloca-se o desafio da psicanálise na contemporaneidade. Entendemos por sintoma aqui o que é colocado por Lacan (2008), no seminário 11 quando o autor coloca: “o sintoma é, de começo, o mutismo, evidentemente. Mas isto não nos diz de modo algum porque ele começou a falar”; compreendemos, então, que não é do mutismo em si que se trata, mas no que se fala quando se fala e se pode escutar o inconsciente, é o saber que é produzido, saber esse inconsciente, articulação entre S_1 e S_2 , como trouxemos anteriormente, é nisto que consiste o sintoma. Notamos esse efeito na clínica, na qual muitos sujeitos perguntam quando teriam alta, queriam saber de sua evolução, estavam às voltas com a cura de seus problemas, por hora, dissociados de questões de ordem inconsciente ou subjetiva, é o que chamamos de rechaço do

saber, uma vez tendo o sujeito foracluído da castração, desacredita do próprio desejo, não possibilita o que Lacan (1985) chama de afânise do sujeito, o inconsciente não aparece. A afânise seria, segundo Lacan (1985), a divisão subjetiva que faz com que o inconsciente emerja, possibilita a construção de um saber, saber inconsciente.

Esta figura do sem limites, na teoria psicanalítica, torna-se mais comum após a sistematização da pluralização do Nome-do-Pai, que leva o sujeito a não ter apenas um significante que organiza este sujeito. A partir de então, há uma incerteza decorrente dos vários significantes que irão balizar o sujeito no mundo (LAURENT, 2007). O Nome-do-Pai é o operador simbólico estruturante, aquele que norterà o sujeito em sua lida com o laço social. No seminário III, As Psicoses, Lacan (1988) organiza, a partir da metáfora da estrada, que o significante do Nome-do-Pai é o que possibilita o sujeito a trilhar sua estrada tendo uma organização da cadeia significante de forma mais simples, organização essa que falta na psicose, quando o sujeito não tem o Nome-do-Pai como significante organizador. A plurlização dos Nomes-do-Pai é uma modificação na noção de que há apenas um significante organizador, Lacan (2005) postula que há a queda de Um pai, uma vez que vários discursos podem inscrever-se no papel desse pai, apelando para Pascal quando fala do Deus dos filósofos e do Deus-pai, fazendo um contraponto entre o sujeito suposto saber e o Nome-do-Pai, este último capaz que inscrever o sujeito em uma lei rígida, dotada de melhor poder de orientação. Estes discursos, segue, são produzidos através de imagens, aí está a razão para os nomes:

Ainda que reduzidas à imagem de Épinal, forneço-lhes essas imagens. Não é como suplemento a meu seminário deste ano, pois, seguramente, eles, os Nomes, não estão aí, mas as imagens, por sua vez, estão suficientemente em leque para que vocês encontrem nelas tudo o que anunciei desde a metáfora paterna (LACAN, 2005, p. 79).

Em uma passagem seguinte, quando evoca estudos sobre acontecimentos com Abraão, Lacan ratifica: “Eis-nos, então, com um filho e, depois, dois pais (LACAN, 2005, 83).

Laurent (2007) trata a questão apostando no acolhimento do sofrimento de sujeitos que surgem com sintomas que aparecem como “mono” (2007, p. 176), ou seja, há uma enxurrada de semelhanças entre os sintomas fenomenológicos que são levados à clínica, a própria psicologia, fazendo uso dos manuais psiquiátricos, colabora para que haja a disseminação de uma unidade de fenômenos que acabam por desresponsabilizar o sujeito, atribui uma causa diferente da que o sujeito poderia produzir e, como levanta Lacan (2005), uniformizar e dita os costumes ligados às atividades laborais, estando à serviço do sistema. O caminho para que

os sintomas fenomenológicos “mono” se transformem e o sujeito possa construir algo seu, afirma Laurent, é “fazer-se destinatário do sintoma, [...] reenviar o sintoma à sua dupla contingência” (2007, p. 176).

Miller e Milner (2006) apontam que a questão da avaliação traz consigo uma solução, à psicologia que se serve da avaliação, então, está para o lado da tecnocracia, como colocava Lacan (1998) em “A ciência e a verdade”. A pressa para que a cura aconteça, expressada na demanda de pacientes que chegam à clínica e, de forma cada vez mais comum, é prova de que a avaliação deu certo enquanto venda de um serviço, enquanto sedução para o consumo. Vende-se a cura, compra-se a cura e este movimento faz com que haja uma desimplicação do sujeito com seu próprio sofrimento, tampona sua angústia. Delega-se ao outro, àquele a quem se paga, que seja ele o responsável pela sua cura, pois se ele está comprando um serviço visa a total satisfação. Estamos na era de um consumo desenfreado, inclusive dos dispositivos de saúde, até na saúde mental. As práticas *psis* que se utilizam da sedução do capital prometem a cura e despolitizam o sujeito.

Os efeitos políticos levantados por Milner e Miller (2006), não podem deixar de ser retomados. Segundo os autores, a saúde mental, bem como a saúde pública, é baseada em um padrão de bem-estar que é determinado pelo Estado, ou seja, no que é melhor para todos, há um modo padrão, *standard*, para o tratamento de todos os sujeitos, inclui-se, então, uma noção de normalidade baseada na aceitabilidade do Estado. Esse movimento também é oposto ao movimento que faz a psicanálise, quando propõe a clínica do caso a caso. A apropriação do discurso científico como discurso do mestre também aparece nesta dimensão, o Estado impõe modos certos de se viver e de ser saudável e a partir desse momento institui um Outro que ultrapassa os ideais, como lembra Beneti (2011), que é maciço e que não tem nenhum compromisso com a verdade, ou seja, também não tem nenhum compromisso com a orientação desse sujeito no mundo, propõe, através da matéria psicológica, na área da saúde mental, um tratamento que é igual para todos, um nome que é igual para todos, todas as particularidades que fazem parte do sujeito são deixadas de fora, o sujeito, único que pode produzir um saber (LACAN, 1992), é deixado de fora.

Exposto isto, o que pode a clínica psicanalítica fazer frente a um discurso que raramente tangencia as questões do sujeito? O que fazer em relação ao rechaço ao saber inconsciente? Como fazer o sujeito se interessar pelo saber inconsciente e construir um sintoma analítico?

Dafunchio (2011) nos propõe que possamos, a partir do desejo do analista, sustentar a clínica psicanalítica, com este sujeito que não se implica em sua própria história e que parece não conseguir construí-la, fornecendo o espaço que é próprio da psicanálise que é o da impossibilidade e que daí se inscreva algo. Dafunchio (2011) coloca que o desejo do analista é

uma invenção de cada analista, invenção que o analista extrai dos restos de sua subjetividade analisada. Mas não se trata de uma invenção eterna, mas que ocorre (se ocorre) cada vez, no encontro com aquele que chamarei aqui, não necessariamente o analisante, já que também pode tratar-se simplesmente de um consultante (DAFUNCHIO, 2011, p. 322).

É o que Beneti (2011) chama de saber-fazer na clínica contemporânea. São saídas possíveis para que possa surgir um sujeito enquanto sujeito inconsciente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problematização das consequências do discurso científico na clínica psicanalítica contemporânea, embora seja um assunto estudado em demasia por diversos autores, não é um assunto que se esgote, posto que atrelado ao discurso científico atual estão os usos que se faz dele, intimamente ligados ao capital. A prática clínica não está dissociada dos grandes dilemas sociais e muito menos é avessa à realidade. O inconsciente, como postulado por Lacan (1988), é estruturado enquanto linguagem, surge, então, em uma íntima ligação com o social, a linguagem é o que permite que os laços sociais aconteçam e é também estruturante para o sujeito.

Sendo o social tão importante para a psicanálise não podemos deixar de pensar que o discurso científico, sendo utilizado como elemento balizador para os sujeitos passa a ter um grande peso na constituição, o que se coloca enquanto um problema como ele está completamente disjuncto de uma condição ética, como sustentam Badiou (1995), por exemplo, pois não há ética que seja para todos. A pluralização do Nome-do-Pai surge também como um impasse na orientação do sujeito, posto que não há mais apenas um significante mestre, mas vários significantes mestres e o sujeito pode escolhê-los como bem entendem, sendo este um efeito do discurso capitalista.

As questões voltam-se, então, para o fazer clínico da psicanálise, que não entra no paradigma de solução-problema suscitado por Miller e Milner (2006), pois não há solução que possa ser dada *a priori*, além dos aspectos éticos que são inerentes à psicanálise, fortemente defendidos por Badiou (1995), quando ele sustenta que só pode haver uma “ética de”. A

psicanálise lida com o resto, com o sujeito da ciência e com o que não concerne a ela, como afirma Lacan (1998).

Os efeitos que o discurso provoca em cada sujeito não podem ser suscitadas *a priori*, embora alguns elementos clínicos importantes tenham surgido no decorrer do texto, eles não respondem para todos, se estivéssemos neste âmbito da discussão estaríamos do lado da ciência, desta auto-legitimação que na psicanálise não acontece de outra forma, senão, no um a um, à cada escuta clínica, à cada sessão, à cada vez que o sujeito do inconsciente aparece.

A tentativa desta discussão permeou, então, as questões que assolam uma mudança importante na forma dos sujeitos lidarem com sua historicidade, as mutações na forma de construir uma narrativa e, até, de conseguirem desejar. A mudança massiva foi o mote que animou o trabalho, mas que não se encerra nele, pois como aposta Dafunchio (2011) é o desejo do analista que pode ser a via para que se instaure o amor, amor esse foracluído junto com a castração, como apontou Lacan (1972). Que compromisso maior, da clínica psicanalítica, senão com o desejo?

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A Epistemologia**. Lisboa, Ed. 70, 2006.

_____. **Estudos**. Rio de Janeiro, Ed. Contraponto, 2007.

_____. **A formação do espírito científico : contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro, Ed. Contraponto, 1996.

BADIOU, A. **Ética : um ensaio sobre a consciência do mal**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

BENETI, A. A psicanálise e os sintomas de nossa época. In: **Falasser : revista da delegação Paraíba**. Campina Grande, 2011, n. 5, p. 89 - 107.

CHATELET, F. **Logos e práxis**. Rio de Janeiro, Ed. Paz e terra, 1972.

COELHO, C. M. S. Psicanálise e laço social: uma leitura do Seminário 17. **Mental**, Barbacena, v. 4, n. 6, p. 107-121, jun. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272006000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 de fevereiro de 2017.

DAFUNCHIO, N. S. **Nudos del amor**. Buenos Aires, Del. Bucle, 2011.

DIAS, C. **Toxicomania : uma solução não sintomática e sua relação com a língua saussuriana e a linguagem lacaniana**. João Pessoa, UFPB - PPGL, 2009.

FENATI, R. Ciência e ética: um pacto fadado ao fracasso? **Diversa Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, UFMG, ano 2, n. 4, 2004. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/diversa/4/cienciaetica.htm>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2017.

FREUD, S. Mal estar na civilização. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud : volume XXI**. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

_____. Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III). **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud : vol. XII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a, 205-223.

HABERMAS, J. Técnica e ciência enquanto ideologia. In: W. Benjamin, M. Horkheimer, T. W. Adorno & J. Habermas, **Textos escolhidos** (Z. Loparic & A. M. A. C. Loparic, trad., pp. 313-343). São Paulo, SP: Abril Cultural, 1983. (Trabalho original publicado em 1968)

IANNINI, G. A estrutura e seus efeitos : o simbólico de Lévi-Strauss a Lacan via Koyré. In: **Curinga**, n. 32, Belo Horizonte, 2011, p. 117-132.

JACOB, F. **O jogo dos possíveis**. Lisboa, Ed. Gradiva, 1981.

KOYRÉ, A. Galileu e Platão. In: **Galileu e Platão e Do mundo do "mais ou menos" ao Universo da precisão**. Lisboa, Ed. Gradiva, 1991.

LACAN, J. **O seminário livro 17 : O avesso da psicanálise** [1969 - 1970]. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1992.

_____. A ciência e a verdade [1965 - 1966]. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 869 – 892.

_____. **O mito individual do neurótico** [1952]. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 2008.

_____. **O saber do psicanalista**. 1972. [Inédito]

_____. **Os Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 2005.

_____. **O seminário, Livro 11 : Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1985.

_____. **O seminário, Livro 3 : As Psicoses**. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1988.

LAURENT, E. A sociedade do sintoma. In: LAURENT, E. **A sociedade do sintoma : a psicanálise, hoje**. Rio de Janeiro, ed. Contra capa, 2007, p. 163 - 177.

MILLER, J-A; MILNER, J-C. **Você quer mesmo ser avaliado? : entrevistas sobre uma máquina de impostura**. Barueri, Ed. Manole, 2006. [Trad. Vera Lopes Besset]

NEVES, T. I. O conceito bachelardiano de deformação e a compatibilidade lógica entre a psicanálise e a ciência. Belo Horizonte, UFMG - FAFICH, 2009.